

A PROGRESSÃO DAS APRENDIZAGENS DA ESCRITA ALFABÉTICA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: O QUE REVELA O CADERNO ESCOLAR DO ALUNO?

ANGELICA ALVES MARCELINO DA SILVA

Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco - UPE,
marcelinoangelica3@gmail.com

NAYANNE NAYARA TORRES DA SILVA

Professora assistente do Curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco - UPE,
nayanne.torres@upe.br

RESUMO

A presente pesquisa abordou a progressão das aprendizagens da escrita alfabética de um aluno do 1º ano do Ensino Fundamental por meio das atividades contidas no caderno escolar. Como objetivo, buscamos identificar o nível de escrita que o aluno apresentava ao início e próximo ao final do ano letivo, analisando os tipos de atividades propostas no caderno. Para guiar as discussões partimos dos pressupostos teóricos de Ferreiro e Teberosky (1999), Morais (2012), Soares (2001; 2003; 2018), dentre outros. Como procedimentos metodológicos, realizamos uma pesquisa documental de caráter qualitativa e para análise dos dados a análise de conteúdo, do tipo temática categorial (BARDIN, 1977). Os resultados da investigação evidenciaram que as atividades propostas no caderno escolar, como muitas atividades de cópia e escrita de palavras e família silábicas **não propiciaram**, até meados do ano escolar, o avanço da criança no modo de compreender o funcionamento do sistema de escrita alfabética, tendo iniciado o ano letivo no nível silábico qualitativo de escrita e se mantido nessa hipótese pelo menos até agosto.

Palavras-chave: Alfabetização; Caderno escolar; Progressão das aprendizagens

1. INTRODUÇÃO

A temática proposta nesta pesquisa surgiu em algumas discussões realizadas na aula do Componente Curricular “Alfabetização e Letramento” do curso de Pedagogia da Universidade de Pernambuco *Campus* Petrolina, no 1º semestre de 2019. Nessas discussões buscávamos, dentre outras coisas, compreender algo que desde muito tempo tem sido alvo das políticas públicas de alfabetização: “qual a melhor maneira/método para alfabetizar os aprendizes?”. Trata-se de um questionamento difícil de responder, haja vista a inexistência de uma receita única e eficaz para dar conta dos problemas de analfabetismo que assolam nosso país.

Além disso, pensar em “maneiras/métodos/metodologias” de alfabetização requer, em grande medida, pensar no grupo classe a ser alfabetizado, uma vez que toda turma é heterogênea, com crianças que apresentam diferentes conhecimentos sobre a leitura e a escrita e, conseqüentemente, diferentes ritmos para aprender. Sendo assim, acreditamos que o olhar atento da professora para a heterogeneidade de conhecimentos sobre a escrita alfabética que permeia a classe poderá contribuir para progressão das aprendizagens dos alunos.

Essa relação “professora-aluno” pode ser transposta para relação “práticas de ensino-progressão das aprendizagens”. Ou seja, o que será proposto pela docente, desde seu entendimento acerca da heterogeneidade, da alfabetização e do letramento até os tipos de atividades realizadas, acabará refletindo nas aprendizagens das crianças. É importante ressaltar, que defendemos aqui uma perspectiva de alfabetizar letrando ou alfalettrar, em que o aluno, além de se apropriar do sistema de escrita alfabética (SEA), consiga realizar um uso efetivo dessa escrita em diversos contextos sociais (SOARES, 2018).

Nesse processo, Santos (2002) evidencia que os cadernos, mais do que meros objetos acessórios das atividades desenvolvidas em sala de aula, são materiais cuja utilização organiza e imprime características à dinâmica escolar. Além disso, possibilitam o acompanhamento e o controle do desenvolvimento e da aprendizagem dos alunos, registrando informações quanto aos conteúdos ensinados. Serão por meio das respostas dos aprendizes às atividades contidas nesses cadernos que buscaremos identificar seus níveis de escrita e possíveis progressões.

Nessa perspectiva, tomamos o caderno escolares como um instrumento que permite uma aproximação didática do saber, tanto no que

concerne a uma parte do que é privilegiado no ensino, quanto a uma parte do modo como se faz. Em face disso, apresentamos como problema de pesquisa a seguinte questão: O que o caderno escolar de um aluno do 1º ano do ensino fundamental revela acerca das progressões de aprendizagem da escrita alfabética?

Para responder a esse questionamento objetivamos analisar a progressão das aprendizagens da escrita alfabética de um aluno do 1º ano do Ensino Fundamental por meio das atividades contidas no caderno escolar. Buscamos, especificamente, identificar o nível de escrita que o aluno apresenta ao início e final do ano letivo, analisando os tipos de atividades propostas no caderno escolar, sua adequação à hipótese de escrita do aprendiz e os avanços da criança em relação ao sistema de escrita alfabética.

Feito este preâmbulo, sinalizamos que o presente trabalho estará organizado da seguinte maneira: inicialmente faremos uma breve discussão sobre a história da alfabetização e o lugar dos cadernos escolares, como também sobre o aprendizado enquanto processo evolutivo, tratando da teoria da psicogênese e das atividades voltadas à apropriação e consolidação do sistema de escrita alfabética. Na seção seguinte, trataremos dos aspectos metodológicos da pesquisa, seguida da análise dos dados e das considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A ALFABETIZAÇÃO E O CADERNO ESCOLAR DO ALUNO.

A história dos métodos de alfabetização foi marcada por uma disputa hegemônica entre dois grupos: os métodos da marcha sintética, “[...] que partem da letra, da relação letra-som, ou da sílaba, para chegar à palavra e os analíticos, também chamados globais, que tem como pontos de partida unidades da língua, como o conto, a oração ou a frase”. (CARVALHO, 2015, p.18). Além desses dois grupos, Mortatti (2006) também sinaliza a existência dos métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou sintético-analítico) que consiste na conciliação dos métodos sintéticos e analíticos.

Todavia, conforme sinaliza Soares (2018), independentemente da escolha do método, se sintético ou analítico (global), o objetivo de ambos é a aprendizagem do sistema alfabético-ortográfico numa perspectiva memorística e repetitiva. Em outras palavras, uma aprendizagem em que

a alfabetização, entendida no sentido restrito da palavra, coloca-se como condição de pré-requisito para que a criança desenvolva habilidades de uso da leitura e da escrita.

É a partir da década de 1980, com o surgimento do letramento, uma versão da palavra da língua inglesa *literacy*, e as discussões acerca do construtivismo, que toda essa tradição metodológica acerca dos métodos de alfabetização começa a ser questionada. Passa-se no Brasil a ter uma aceitação por parte dos educadores e até mesmo do próprio ambiente acadêmico em empregar esse termo e adaptá-lo às suas práticas pedagógicas. Segundo Soares (2018, p. 17), o letramento diz respeito ao

[...] estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2018, p.17).

Nesse movimento de invenção do letramento (SOARES, 2003), a alfabetização passou por uma desinvenção, trazendo a perda da especificidade desse fenômeno. Os métodos de alfabetização considerados tradicionais passaram a ser vistos de modo negativo e as discussões sobre os usos sociais da leitura e da escrita contribuíram, de certa forma, para diminuir a importância de aspectos mais técnicos do processo de alfabetização como a silabação, a consciência fonológica, entre outros. Sendo assim, “A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por frequentemente prevalecer sobre aquela, que como consequência perde sua especificidade.” (SOARES, 2003, p.11).

É importante destacar que devido aos problemas causados pela desinvenção da alfabetização (o não aprendizado da leitura e escrita), vivemos um cenário de reinvenção que tenta recuperar a importância da faceta linguística do processo de alfabetização. Contudo, temos observado uma tendência ao radicalismo quando, ao propor a necessária reinvenção da alfabetização, têm-se apostado no movimento denominado a “volta ao fônico”, conforme sinaliza Soares (2003). Isso é algo evidenciado na atual Política Nacional de Alfabetização (PNA), que defende a instrução fônica no processo de alfabetização, “preconizando” o ensino da leitura e da

escrita pelo método fônico a despeito do construtivismo, que é tido pelo discurso oficial como vilão da alfabetização.

Todavia, é pertinente apontarmos como um retrocesso a forma como a PNA concebe a alfabetização, de maneira linear e hierárquica. Conforme o documento, a alfabetização deve, primeiramente, ensinar os aprendizes a codificar e decodificar letras, sons e, apenas mediante a compreensão da relação grafema-fonema, ler palavras, frases e textos. Este entendimento nos remete ao passado, quando se acreditava que havia uma prontidão para alfabetização e desconsidera que

uma teoria coerente de alfabetização deverá basear-se em um conjunto desse processo suficientemente abrangente para incluir a abordagem “mecânica” do ler/escrever, o enfoque da língua escrita como um meio de expressão/compreensão, com especificidade e autonomia em relação à língua oral, e, ainda, os determinantes sociais das funções e fins da aprendizagem da língua escrita (SOARES, 2001, p.19).

Diante disso e em oposição ao que propõe a Política Nacional de Alfabetização, defendemos que alfabetização e letramento são práticas educacionais que devem ser trabalhadas de maneira conjunta e equilibrada, pois tratam-se de processos distintos, mas indissociáveis. Nessa perspectiva, torna-se pertinente conhecer as diferentes facetas que permeiam ambos os campos, estando a alfabetização ligada à “consciência fonológica e fonética, identificação das relações fonemas-grafemas, habilidades da codificação e decodificação da língua escrita, conhecimento e reconhecimento dos processos de tradução da forma sonora da fala para a forma gráfica a escrita”, e o letramento à “imersão das crianças na cultura da escrita, participação em experiências variadas com a leitura e a escrita, conhecimento e interação com diferentes tipos de gêneros de material escrito”, conforme explicita Soares (2003, p. 15).

Nessa direção, os cadernos escolares de alfabetização se apresentam como uma fonte importante para o entendimento dos processos de ensino e aprendizagem da língua escrita. Isso porque, o caderno fornece “testemunhos insubstituíveis a respeito dos exercícios escolares, das práticas pedagógicas e de desempenho dos alunos no contexto da sala de aula” e nos proporciona compreender os processos pedagógicos do cotidiano escolar (CHATIER, 2007, p. 13). Na seção a seguir, discutimos um pouco sobre os tipos de exercícios e atividades voltadas à apropriação e

consolidação do sistema de escrita alfabética, como também, da aprendizagem enquanto um processo evolutivo.

2.2 O APRENDIZADO COMO PROCESSO EVOLUTIVO: A TEORIA DA PSICOGÊNESE E ATIVIDADES VOLTADAS À APROPRIAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DO SEA

- Os estudos da Psicogênese da Língua Escrita colocam o foco na maneira como o aluno aprende, defendendo a escrita alfabética como um objeto de conhecimento no qual o discente precisa ser ajudado a descobri-lo, reconstruí-lo, com vistas a se apropriar dele. Isso porque, compreendemos, com base nessa teoria, que a aprendizagem do SEA acontece de forma gradativa e processual. Segundo Morais (2012), o sistema de escrita alfabética se constrói em um percurso evolutivo, em fases que são universais e comuns para todos os aprendizes de uma comunidade linguística e sua apropriação não parece depender muito da maturação biológica dos aprendizes.
- Aos poucos a criança percebe que cada letra nota uma sílaba oral e só no final vai compreender que as letras substituem unidades menores, os fonemas, e ainda percebe a correspondência entre os segmentos falados e escritos. Elas passam a compreender o princípio alfabético, isto é, entendem que as letras substituem segmentos sonoros pequenos, os fonemas (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).
- As autoras supracitadas comprovaram que crianças na faixa etária dos 4 aos 6 anos seguem uma sequência lógica básica no processo de apropriação do sistema de escrita alfabética, caracterizando esse processo em fases:
- Na fase pré-silábica as crianças não conseguem relacionar as letras com os sons da língua falada. Suas representações escritas podem ser desenhos, riscos, mas com certo valor de significado.
- Na fase silábica os aprendizes já interpretam as letras à sua maneira, atribuindo valor silábico a cada uma. Essa fase é geralmente subdividida em silábica sem valor sonora (letras aleatórias que representam sílabas) e silábica com valor sonoro (letras relacionadas aos sons da palavra em questão).
- Na fase silábica-alfabética os aprendizes começam a perceber e registrar as unidades menores das palavras, os fonemas,

apresentando escritas que ora marcam uma única letra para representar a sílaba, ora mais de uma letra, buscando estabelecer uma regularidade na combinação dessas letras para representar a estrutura interna das unidades silábicas da palavra.

- Na fase alfabética as crianças passam a dominar plenamente o valor das letras e das sílabas.

Sendo assim, é importante o docente conhecer o que os alunos pensam sobre a escrita para que a partir desses conhecimentos possa organizar as atividades a serem trabalhadas em sala de aula. É importante destacar que defendemos, assim como Morais (2012), que o desenvolvimento de habilidades metafonológicas, apesar de desconsiderada pela teoria da psicogênese, é uma condição necessária, embora não suficiente, para o aprendiz se apropriar do SEA, pois é preciso compreender que para alcançar hipóteses silábicas, silábico-alfabéticas e alfabéticas de escrita, os aprendizes precisarão pensar na sequência das partes sonoras das palavras (e não em seus significados).

O trabalho com habilidades de consciência fonológica pode ser feito de forma prezerosa, através de jogos e recursos lúdicos, podendo explorar textos poéticos da tradição oral, a exemplo das cantigas, quadrinhos, parlendas e outros. Esses textos contêm rimas, aliterações, repetições e outros recursos que, aliados ao fato dos alunos os terem na memória, permitem uma rica exploração dos efeitos sonoros, acompanhada da escrita das palavras (MORAIS, 2012).

Contudo, é interessante que as atividades propostas estejam adequadas aos níveis de escrita dos aprendizes, propiciando conhecimentos que eles ainda precisam aprender para avançar em suas aprendizagens. Nessa perspectiva, Coutinho (2005) evidencia que as atividades de análise fonológica se mostram mais adequadas aos alunos com hipóteses pré-silábicas de escrita, e que o uso de palavras estáveis, como os nomes dos alunos da turma, pode auxiliar na percepção de que partes (sílabas ou letras) presentes no nome de um aluno podem ser encontradas nos nomes de outros colegas.

Já no nível silábico, Coutinho (2005) sinaliza que as atividades deverão propiciar a reflexão sobre as partes menores (fonemas) das palavras, sendo interessante tarefas de ditado, o trabalho com palavras estáveis que possibilitem a escrita de outras palavras, e atividades de cruzadinhas. Em relação ao nível silábico-alfabético ou alfabético as atividades precisarão garantir maior fluência de leitura e maior consolidação das

correspondências grafafônicas, através de cruzadinhas, com nomes e palavras estáveis, propiciando reflexões sobre as regularidades da língua portuguesa e sobre letras que assumem sons diferentes em função da disposição que ocupam na palavra.

Por fim, entendemos que é possível garantir um ensino adequado nos anos iniciais do ensino fundamental desde que se atente para o nível de escrita em que o discente se encontra, e proponha atividades de apropriação e consolidação do SEA adequadas as suas hipóteses de escrita. Ao planejar o docente deve partir da análise do que os aprendizes já sabem e do que ainda precisam aprender, podendo, o caderno escolar, ser um aliado nesse processo.

3. METODOLOGIA

Para atender aos objetivos postos nessa investigação, que consistiu em analisar a progressão das aprendizagens da escrita alfabética de um aluno do 1º ano do ensino fundamental por meio das atividades contidas no caderno escolar, realizamos uma pesquisa documental, que se caracteriza como uma investigação que utiliza materiais que ainda não receberam “[...] um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2002, p. 45). O caderno escolar do aluno se configurou como o documento que foi analisado, pautando-nos em uma abordagem qualitativa que não desconsiderou os aspectos quantitativos.

Como analisamos a progressão das aprendizagens da escrita alfabética de uma criança do 1º ano do ensino fundamental, por meio das atividades de escrita contidas no caderno escolar no ano letivo de 2019, selecionamos uma turma de uma escola pública do vale do São Francisco, localizada na zona rural. Tratava-se de uma classe multisseriada que comportava uma turma do 1º ano e outra do 2º ano do ensino fundamental. A escolha por essa turma e ano letivo foi em decorrência do acesso aos dados, ou seja, da disponibilidade apresentada pela docente para fornecer o material analisado. Além disso, optamos por analisar cadernos escolares de anos anteriores ao contexto da pandemia da COVID-19, em que as atividades aconteciam de modo presencial.

Embora a professora não tenha se configurado como sujeito de nossa investigação, consideramos pertinente evidenciar um pouco da sua formação, com o intuito de possivelmente compreender as atividades propostas no caderno escolar. Diante disso, a professora possuía

formação em Pedagogia, com ano de conclusão em 2014, pela Faculdade Evangélica Cristo Rei, como também, especialização em Gestão Escolar pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Candeias (IESCFAC). Em relação à experiência profissional, possuía na época da pesquisa sete (07) anos de experiência como docente, e em turmas de alfabetização apenas um (01) ano. Além disso, tratava-se de uma professora contratada da rede, trabalhando no contraturno em outra escola pública, e ainda de forma autônoma nos horários vagos..

No que diz respeito à turma do 1º ano da classe multisseriada, havia cinco (05) alunos, desses cinco tivemos acesso apenas a três cadernos escolares, do qual escolhemos um para analisar. O motivo de termos escolhido apenas um foi com vistas ao aprofundamento da análise dos dados. Como critério de escolha elencamos o caderno que apresentava níveis mais iniciais de escrita: dos três cadernos que tivemos acesso, dois apresentavam no início do ano letivo hipóteses alfabéticas e um evidenciava uma hipótese silábica (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999), sendo este tomado como foco de nossa análise.

Após a seleção dos cadernos, fizemos uma análise das atividades de escrita contidas nos mesmos, assim como das progressões, ou não, das aprendizagens desse aluno. Para tal análise, utilizamos o método da Análise de Conteúdo, com base em Bardin (1977), seguindo as etapas de: Pré-análise, que objetiva constituir o corpus da pesquisa, sendo este o caderno escolar e as atividades contidas nele; Exploração do material; Inferência e interpretação dos dados contidos no caderno escolar.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 A PROGRESSÃO DAS APRENDIZAGENS DO SEA E OS TIPOS DE ATIVIDADES PROPOSTAS NO CADERNO ESCOLAR DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Para fins de análise, empreendemos um esforço em mapear e categorizar os registros do trabalho com a língua escrita contidos no caderno escolar escolhido. Trata-se de um caderno do ano de 2019 que comportava atividades de “Classe” e “Para Casa” que datavam de 07 de fevereiro a 17 de outubro¹ do referido ano. Ressaltamos que para a identificação

1 O caderno escolar referente a esta pesquisa só tem registro das atividades propostas entre fevereiro e outubro de 2019, não tivemos acesso ao segundo caderno escolar correspondente ao final do ano letivo.

das hipóteses de escrita ao início e final do ano letivo, respaldamo-nos nas atividades de classe (os ditados) nas quais identificamos a ausência de interferência da professora nas escritas da criança. Diante disso, verificamos, conforme evidencia a figura 01, que a criança apresentava no início do ano uma hipótese de escrita silábica qualitativa e que passado mais da metade do ano letivo o aprendiz permanecia com a mesma hipótese.

Figura 01: Hipóteses de escrita apresentadas nas atividades de classe do caderno escolar em março e agosto de 2019.

Mês: março	Mês: agosto ²

Fonte: Caderno escolar (2019).

A partir da imagem, percebemos que a criança começa o ano letivo com uma hipótese na qual “[...] ela concebe que, para cada sílaba pronunciada, deve-se colocar uma letra. [...] (ou seja) descobriu que o vínculo se dá entre partes orais e partes escritas.” (MORAIS, 2012, p. 58-59). E passado mais da metade do ano ela continua no mesmo nível de escrita, não compreendendo que as palavras são representadas por partes menores que as sílabas, os fonemas.

Vejamos, a seguir, os exercícios que foram realizados ao longo do ano escolar que, em certa medida, contribuíram para a permanência da

2 Utilizamos como parâmetro para identificação da hipótese de escrita final da criança uma atividade do mês de agosto por ser uma escrita espontânea que não sofreu a intervenção de nenhum adulto, conforme identificamos no conjunto das demais atividades de classe e casa apresentadas no caderno depois dessa data.

criança na mesma hipótese de escrita. Ao analisarmos os tipos de atividades de classe e casa apresentadas no caderno escolar, identificamos as mesmas propostas de tarefas no decorrer de todo o ano, sendo estas: leitura de sílabas e palavras; escrita de palavras; cópia de sílabas e palavras; ditado de palavras; formação de palavras e frases; reescrita de palavras. O quadro 01, a seguir, apresenta um panorama geral das atividades solicitadas ao aluno, bem como o número de vezes em que elas se repetiram ao longo do período registrado.

Quadro 01: Atividades propostas no caderno escolar entre fevereiro e outubro de 2019.

Tipos de atividades	Atividade de classe	Atividade de casa	Quantidade
Copiar palavras		x	10
Copiar sílabas		x	04
Escrever palavras com as famílias silábicas	x	x	05
Ditado de palavras	x		13
Juntar sílabas		x	03
Formar palavras a partir de sílabas	x	x	05
Colar palavras com as letras do alfabeto	x	x	08
Identificar as primeiras sílabas das palavras		x	02
Cruzadinha	x		01
Escrever o seu nome completo		x	19
Completar palavras com sílabas	x		03
Reescrever palavras		x	04
Formar frases a partir de palavras	x	x	08
Ler sílabas	x		08
Escrever palavras com as letras iniciais do alfabeto		x	12
Total	31	74	105

Fonte: Caderno escolar (2019).

A partir desse quadro geral percebemos uma alta incidência de atividades de ditado de palavras, treze de um total de cento e cinco (13/105), de escrita do nome (19/105), de cópia de palavras (10/105) e escrita de palavras com as letras iniciais do alfabeto (12/105). Além disso, também apareceram com certa frequência os exercícios de formação de frases a partir de palavras (8/105), e de leitura de sílabas (8/105).

Por outro lado, as tarefas menos frequentes versaram sobre a identificação da primeira sílaba das palavras (2/105); junção de sílabas (3/105),

e a complementação de sílabas em palavras (3/105), tendo apenas uma tarefa (1/105) que trabalhou com a cruzadinha. É válido destacar, o maior quantitativo de atividades propostas para casa (75/105) em relação às que foram desenvolvidas em classe (29/105). No quadro 02, a seguir, sinalizamos no âmbito dessas tarefas as que foram realizadas especificamente na sala de aula.

Quadro 02: Atividades de classe propostas no caderno escolar entre fevereiro e outubro de 2019.

Tipos de atividades propostas para classe	Quantidade
Escrever palavras com as famílias silábicas	01
Ditado de palavras	13
Formar palavras a partir de sílabas	03
Colar palavras com as letras do alfabeto	01
Cruzadinha	01
Completar palavras com sílabas	03
Formar frases a partir de palavras	01
Ler sílabas	08
Total	31

Fonte: Caderno escolar (2019).

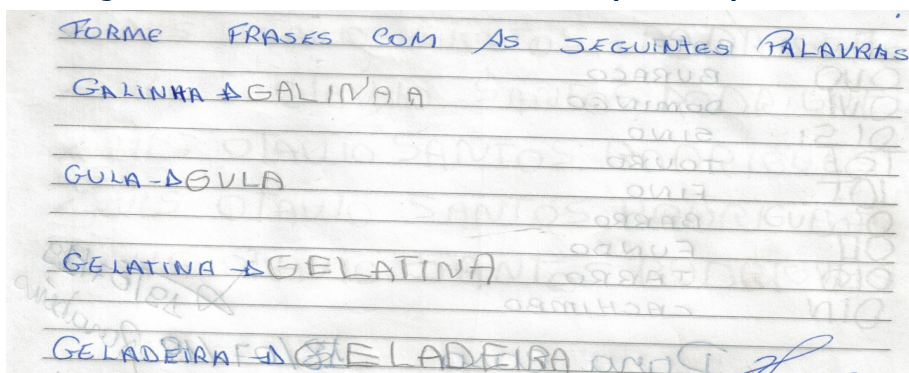
Identificamos, por meio do quadro acima, que o ditado de palavras (13/31), seguida da leitura de sílabas (8/31) foram as tarefas mais realizadas pela docente em classe. Em relação ao ditado, percebemos que algumas palavras ditadas estavam de acordo com a família silábica trabalhada na aula, outras vezes tratavam-se de palavras aleatória. Ressaltamos que os ditados são atividades pertinentes quando possibilitam aos alunos refletirem sobre seus erros e a forma de escrita das palavras, além de servirem como demonstrativo de como a criança está pensando o sistema de escrita alfabética. Contudo, “[...] Ao aplicarmos os ditados para avaliar o nível de escrita, devemos buscar detectar o que a criança tem como resposta para [...] duas perguntas básicas: 1- o que a escrita representa (ou nota)?; e 2- Como a escrita cria representações (ou notações)?” (MORAIS, 2012, p. 167).

As atividades de classe que aconteceram com menos frequência foram: escrever palavras com as famílias silábicas (1/31); colar palavras com as letras do alfabeto (1/31); cruzadinha (1/31); e formar frases a partir de palavras (1/31). Dessas, verificamos uma adequação na atividade da cruzadinha, pois como a criança se encontrava na hipótese silábica qualitativa precisava de atividades que a ajudasse a pensar ao nível do

fonema. Sendo assim, ao registrar apenas uma letra para cada sílaba, a criança verá que “sobram quadradinhos ou espaços” e ficará em conflito diante da necessidade de preenchê-los com mais letras. Segundo Morais (2012), as atividades de cruzadinha ajudam os alunos a refletirem a relação grafema-fonema.

Por outro lado, também identificamos inadequações na proposta que solicitava do aluno a formação de frases a partir de palavras, tendo em vista que o aluno ainda precisava identificar as unidades menores das palavras (os fonemas). Com isso, o aprendiz acabava apresentando dificuldades na realização da tarefa, conforme podemos visualizar na figura 02, abaixo:

Figura 02: Atividade de escrita de frases a partir de palavras.



Fonte: Caderno escolar (2019).

É notório que diante da dificuldade apresentada pela criança acerca do sistema de escrita alfabética, ela acaba não atendendo ao comando da tarefa e ao invés de escrever frases para as palavras dadas, acaba, apenas, reescrevendo-as. Ou seja, o aluno efetua uma cópia/reescrita da palavra posta como referência. Esse era um tipo de exercício que a docente também solicitava como atividade de casa. Vejamos, no quadro 03, a seguir, os tipos de atividades que foram propostas para casa, como também a sua frequência.

Quadro 03: Atividades de casa propostas no caderno escolar entre fevereiro e outubro de 2019.

Tipos de atividades propostas para casa	Quantidade
Copiar palavras	10
Copiar sílabas	04
Escrever palavras com as famílias silábicas	04

Tipos de atividades propostas para casa	Quantidade
Juntar sílabas	03
Formar palavras a partir de sílabas	02
Colar palavras com as letras do alfabeto	07
Identificar as primeiras sílabas das palavras	02
Escrever o seu nome completo	19
Reescrever palavras	04
Formar frases a partir de palavras	07
Escrever palavras com as letras iniciais do alfabeto	12
Total	74

Fonte: Caderno escolar (2019).

A partir do quadro 03 percebemos que as tarefas de cópia foram as mais frequentes nas atividades de casa, sendo a “escrita do nome completo” (19/74) a mais solicitada. A “escrita de palavras com as letras iniciais do alfabeto” (12/74) e a “cópia de palavras” (10/74) aparecerem logo em seguida.

Consideramos a escrita do próprio nome um objetivo de aprendizagem importante para a criança em processo de apropriação e consolidação do sistema de escrita alfabética. Nessa direção, o direito de conhecer e escrever seu nome completo deve ser assegurado em estratégias didáticas voltadas para diferentes faixas etárias. Em vista disso, compreendemos que a escrita do nome próprio é uma aquisição importante para as crianças, considerando a referência estável para que estas possam refletir sobre como funciona a sua língua materna, ou seja, o nome pode servir como palavra estável para reflexão e escrita de outras palavras.

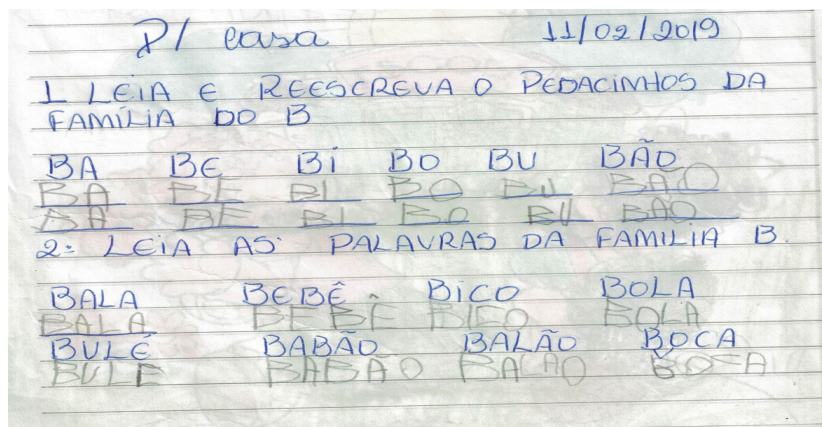
Ao tomar seu nome como palavra estável a criança identifica seu primeiro repertório de letras, ampliando-os ao conhecer os nomes dos seus colegas, dos seus familiares de sua professora, e refletir sobre os mesmos, criando, assim, uma sucessão de combinações entre os fonemas e as letras que servirão de fonte de consulta para outros escritos. Conforme afirma Ferreiro (1995), o nome próprio é um ponto de diferenciação do processo evolutivo da constituição da escrita, sendo peça-chave para o início da compreensão do funcionamento desse sistema.

Outra proposta de atividade muito frequente foi “escrever palavras com as letras iniciais do alfabeto” (12/74), que solicitava dos alunos a escrita ou colagem de palavras com as letras do alfabeto que estavam sendo estudadas. Quando se solicitava a colagem, percebemos que os

exercícios recaiam apenas na identificação da letra, não sendo necessário um esforço além da percepção visual, já em relação à escrita seria mais adequado se houvesse imagens ou indicações que sinalizassem o quantitativo de letras necessário para escrita de cada palavra, tendo em vista que se tratava de uma atividade de casa na qual a criança não teria a mediação da professora para ajudá-la no processo de reflexão de escrita.

Por fim, do grupo de exercícios mais frequentes passados para casa, ainda destacamos a cópia de palavras (10/74). Geralmente a professora solicitava aos alunos a cópia de palavras da família silábica que havia sido ministrada naquela aula. Inferimos a alta frequência dessa atividade para casa como uma tentativa da docente em controlar as respostas do aprendiz e de possibilitar a memorização da sílaba estudada. A figura 03, abaixo, evidencia a maneira como esse exercício era solicitado.

Figura 03: Tipo de exercício de cópia solicitado na atividade de casa.



Fonte: Caderno escolar (2019).

No que diz respeito às atividades menos frequentes, destacamos as tarefas de “identificar as primeiras sílabas das palavras” (2/74) e “formar palavras a partir de sílabas” (2/74) como as menos solicitadas. Mais uma vez, exercícios que focavam na percepção visual, com enfoque para as sílabas. Tratava-se de atividades que pouco ajudava o aluno a avançar, uma vez que não o convidava a pensar sobre as relações grafofônicas e as peculiaridades da língua escrita.

Diante do exposto, ressaltamos que a maioria das tarefas propostas se baseavam no trabalho com as sílabas, enfatizando a cópia e o ditado. Ou seja, uma proposta muito próxima aos chamados “métodos

tradicionais” de alfabetização, especialmente os métodos sintéticos (MORTATTI, 2006). Percebemos, por meio dos cadernos, a ênfase em exercícios de escrita de letra por letra, sílaba por sílaba e palavra por palavra, enfatizando-se o aprendizado mecânico, por meio de memorização de letras, sílabas e palavras. Segundo Mortatti (2006),

[...] métodos de marcha sintética (da ‘parte’ para o ‘todo’): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes as letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Quanto à escrita, esta se restringia à caligrafia e ortografia, e seu ensino, a cópias, ditados e formação de frases, enfatizando o desenho correto das letras (MORTATTI, 2006, p. 4).

Tratava-se de um trabalho sistemático que seguia uma lógica de organização: a professora trabalhava desde o início com todas as letras do alfabeto e ia ao longo do ano apresentando e explorando uma a uma. Além disso, as atividades registradas referentes à apresentação das letras seguiam uma rotina para todo o alfabeto, qual seja: cópia da letra em questão; cópia da família silábica da letra correspondente; e ditado de palavras.

Como a criança se encontrava no nível silábico era importante incentivá-la a entender a sequência de escrita das letras na palavra, aspecto que não foi muito presente nos tipos de atividades propostas. Para escrever, a criança precisa escolher quais letras utilizar (quais grafemas representam quais fonemas), precisa pensar na quantidade de letras, e na ordem, para que as palavras apresentem significado. A apresentação das famílias silábicas, frequentemente trabalhado pela professora, é necessária se feita de modo natural, sem impor a pronúncia nem de sílabas prontas, nem de fonemas de forma isolado.

Para além das atividades presentes no caderno é importante sinalizar também as ausências. Identificamos que os exercícios de classe e de casa não ofertavam práticas de produção de textos, havendo, conforme já evidenciamos, uma supervalorização sobre o ditado e a cópia de palavras. Segundo Morais (2012, p.118), “o casamento de práticas de leitura e produção de textos com práticas de reflexão sobre palavras precisa ser mantido durante todo o ciclo de alfabetização no ensino fundamental”.

Sendo assim, as atividades de reflexão devem ser diárias e podem ou não estar vinculadas aos textos lidos e produzidos em sala de aula, o que

não identificamos nos exercícios do caderno escolar. Contudo, não descartamos a possibilidade de isso ter sido feito pela professora em sala de aula, haja vista que não observamos sua prática alfabetizadora em sala de aula, pois conforme destaca Morais (2012), todo dia é dia de linguagem, sendo necessário planejar intencionalmente situações de aprendizado da linguagem que se usa para escrever.

Destacamos que essas situações planejadas se fizeram presentes nas atividades contidas no caderno do aluno, no entanto, chamamos atenção para o tipo de atividade proposta que ao invés de estimular a reflexão se ancorava mais em aspectos memorísticos e de repetição. Segundo Morais (2012, p.122), “[...] a cada dia, de segunda a sexta, nas salas de aula, é necessário que os alunos tenham atividades de reflexão de palavras voltadas à aprendizagem do SEA” e que diariamente também participem de atividades de leitura/ou produção de textos.

Sendo assim, analisamos essas formas de encaminhamento didático, por meio das tarefas propostas, como não suficientes para garantir a progressão da aprendizagem do aluno acerca do sistema de escrita alfabética, pelo menos até meados do ano escolar. Nessa perspectiva, compreendemos que para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, é fundamental que o professor tenha conhecimento do que a criança já sabe sobre o sistema de escrita alfabética, e isso não se resume apenas a identificar a hipótese de escrita em que ela se encontra, mas também, saber o que ela ainda precisa aprender, para assim, propor atividades adequadas para sua progressão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar a progressão das aprendizagens da escrita alfabética de um aluno do 1º ano do Ensino Fundamental de uma classe multisseriada, por meio das atividades contidas no caderno escolar. Para que tal objetivo fosse alcançado, identificamos o nível de escrita que o aluno apresentava ao início e próximo do final ano letivo, analisando os tipos de atividades proposta no caderno escolar, sua adequação à hipótese de escrita do aprendiz e os avanços da criança em relação ao sistema de escrita alfabética (SEA).

Para isso, traçamos uma discussão teórica que abordou a compreensão do processo evolutivo do sistema de escrita alfabética, os conceitos da Teoria da Psicogênese e as discussões contemporâneas da perspectiva de se alfabetizar/letrando/alfabetizar. Destacamos que as ações cognitivas

complexas que o educando precisa executar durante o processo de alfabetização consiste muito de uma ação interventivo-mediadora consciente e bem planejada por parte da docente.

Nessa direção, ressaltamos a importância da professora saber identificar os conhecimentos que o aprendiz apresenta em relação ao sistema de escrita alfabética, mas também saber quais atividades propor para que esse aluno consiga avançar. Por meio de nossas análises, percebemos que a professora tinha conhecimento da hipótese na qual a criança se encontrava, mas os tipos de atividades propostas não se mostravam, em sua maioria, adequadas para progressão do aprendiz acerca da consolidação das propriedades do sistema de escrita alfabética.

Isso porque, a maioria das atividades requeria do aluno a cópia, repetição e memorização de palavras e famílias silábicas. Além disso, também constatamos a ausência de outros elementos necessários e importantes no processo de alfabetização, como por exemplo, a produção textual e o trabalho com textos de circulação social.

Diante disso, sinalizamos que os exercícios pautados apenas na cópia e escrita de palavras a partir de famílias silábicas, bem presentes no caderno escolar aqui analisado, mostram-se como insuficientes para fazer com que a criança avance em seus conhecimentos sobre a escrita. Com isso, destacamos a importância da professora conhecer as dificuldades do aprendiz e saber intervir, com atividades adequadas que ajude o aluno a evoluir no modo de pensar a escrita.

Por fim, tendo consciência que a presente pesquisa não se esgota em si, finalizamos esse estudo apontando possibilidades de outras investigações que busquem uma análise articulada dos tipos de atividades propostas com a prática desenvolvida pela professora na sala de aula. Além disso, ressaltamos a relevância dessa pesquisa para a formação do professor/pedagogo e também para os docentes que se encontram atuando em suas salas de aula de alfabetização.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977.

BEUREN, Ilse Maria. **Como elaborar trabalhos monográficos**: Teoria e Prática. São Paulo: Atlas. 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019.

COUTINHO, Marília Lucena. Psicogênese da língua escrita. O que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. IN: MORAIS, Arthur; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; LEAL, Telma Ferraz. (Orgs.). **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita**: história e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

FERREIRO, Emília. **Cultura escrita e educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas. 2002.

MORAIS, Artur Gomes de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? IN: MORAIS, Artur Gomes de; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (Orgs.). **Alfabetização**: a apropriação do sistema de alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia**: ensinar e aprender. 5ª ed. São Paulo: Ática, 2009.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema escrita alfabética**. 1ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. **História dos Métodos de Alfabetização no Brasil**. Ministério da Educação (MEC), 2006. Disponível em: [http//](http://)

portal.me.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>
Acesso em: 10 fev. 2020.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. IN: 26ª Reunião Nacional da ANPEd, Caxambu. Anais da 26ª Reunião Nacional da ANPED, 2003.

SOARES, Magda Becker. **Alfabetização:** a questão dos métodos. 1ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.